BIBLIOTHECA MORÉ

A INDIANA

ENTRE-ACTO EM VERSO

POR

THOMAZ RIBEIRO

PORTO
VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1873.

A INDIANA

A INDIANA

ENTRE-ACTO EM VERSO

POR

Thomaz Ribeiro

PORTO
VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO

1873.

ILL.^mo E EX.^mo SNR. CONSELHEIRO ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Offereço a V. Ex.ª, que é ministro do reino, eu, que sou seu delegado em Bragança, os pobres versos que escrevi, proh pudor! na capital do districto que V. Ex.ª confiou á minha vigilancia. Talvez alguem julgue que dando assim, com esta confissão, azos a que o interpellem mais uma vez nas camaras, o seu proconsul brigantino está feito com a opposição; seja o que fôr, não quero encobrir este peccado de fazer versos, que já era sabido quando V. Ex.ª commetteu a imprudencia de referendar o meu despacho; e confesso-o em primeiro logar por que V. Ex.ª é pouco assustadiço, e em segundo logar para lhe dizer que não furtei ao cumprimento dos meus deveres as horas que consagrei a esta pequena obra. Depois, eu queria darlhe uma prova do meu respeito, não

tanto agora como ministro, que mui digno é de o ser, mas como homem de lettras, titulo pelo qual V. Ex.ª é credor d'altissima consideração.

Acima de tudo ha ainda uma grande e ininterrompida amizade e dividas de gratidão que nunca poderei pagar e de que nunca desejarei ser quite.

Agora desculpe a minha ousadia, e quando o accusem pelos meus defeitos, diga-lhes V. Ex.ª que se Nero era artista e Carlos 9.º fazia versos, tambem os Verres os podem fazer.

Sou com a maior consideração de V. Ex.ª

Muito amigo e muito respeitador e admirador,

Bragança 25 de Dezembro de 1872.

Thomaz Ribeiro.

A Indiana

PERSONAGENS

CASSI — viuva de vinte annos.

RAMÁ — pae de Cassi — brahmine.

RAUL — capitão de navio — vinte e cinco annos.

SUNDOREM — noiva, irmã de Cassi — seis annos.

NOIVO, da mesma edade, — UM DESSAE, — UM NABABO, — PRIMEIRA E SEGUNDA MULHER, — Bailadeiras — Convidados, &c.

A INDIANA

ENTRE-ACTO EM VERSO

A scena passa-se no Industão e na actualidade. O palco mostra o claustro d'uma casa indú, opulenta; ha columnatas em volta; no meio um jardim com plantas dos tropicos e estatuetas representando divindades gentilicas; no centro do jardim o — TOLOSSI — a arvore sagrada. Ao fundo, por tres portas rasgadas e terminando em arco, vê-se um palmiral intermeado de bananeiras cercado por um muro em que ha uma pequena porta serrada. O ceo está recamado d'estrellas. Por cima do muro vê-se ao longe o mar. Para fóra do claustro, á esquerda, ha a continuação da casa e nas janellas e no arvoredo externo e fóra das cortinas das portas do claustro, ao fundo, ha illuminação em globos de côres. É festa de noivado. No claustro, á direita, ao fundo, ha uma janella; e mais proximo da plateia uma porta para os aposentos de Cassi; á esquerda uma porta que dá para o interior da casa. Mais perto do espectador, á esquerda, coxins sumptuosos onde Ramá apparece recostado; por cima o *panká* que uma negra nubiana de cabello amarello agita, em quanto Ramá se conserva fumando.

Ao levantar do panno, Cassi, vestida toda de branco, (lucto), sem rosa na testa nem joias, e com o cabello escondido, está encostada a uma das portas do fundo com as costas voltadas para a multidão e olhando o mar; Ramá fuma, quasi adormecido, o seu longo cachimbo de Surrate em quanto a negra lhe agita o *panká;* perto, assentadas no chão, as bailadeiras cantam em musica languida e preguiçosa. Os noivos e convidados passeiam ou fumam conversando ou scismando, ora no claustro ora no palmar.

SCENA I

(TODOS)

CÔRO DAS BAILADEIRAS

Dão banhos aromaticos
as fontes de Benares,
e os rumuros palmares
e os altos arecaes,
vendo nas agoas tepidas
os membros nus, tão bellos,
tremem d'amor, têm zelos
dos limpidos cristaes.

Amor é como o raio
fere, apagou-se;
depois fica o desmaio
que é doce, doce!

Oh! quem podera amar como a serpente,
que tem abraços mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

CASSI

(Á parte e descendo lentamente o proscenio)

Morre, viuva, é tua sina, morre!
ouve estes cantos e sê pura! Oh! Deus!...
és amante? és amada? o sangue corre
febril de veia em veia?... Ai! quem soccorre,
quem rouba ao fogo a condemnada aos ceos?!

(Fica estranha a tudo).

UM NABABO

A noite é de regias festas,
que tudo esplende e seduz,
jardins, salões e florestas.

UM DESSAE

Nupcias de tanta grandeza
dão honra á India, e á nobreza
dos opulentos indús.

NABABO

Mas este recinto é escuro!

DESSAE

Não sabes que vive aqui,
ha seis annos, desditosa!
a mallograda Cassi?

NABABO

Tu conheceste-a?

DESSAE

Pois não?

NABABO

Era a mulher mais formosa
de toda a India, tão vasta,
desde Surrate a Madrasta,
desde o Hymalaia a Ceylão!
e ainda vive?

DESSAE

Olha! ali está.

NABABO

É que o lucto a não devasta!
seis annos!... é muito já!
(Sáem para o palmar).

PRIMEIRA MULHER

E sempre bella como foi.

SEGUNDA MULHER

Que pena!

Eu nada vi! o mundo é que envenena
o que não sabe e pensa. Diz o mundo
que, alta noite, da praia surge um vulto,
e na hora em que o silencio é mais profundo
se embrenha na floresta, e assim occulto
dirige os passos mortos para aqui!...

PRIMEIRA MULHER

E o mundo assim... não digas mais! condemna
uma viuva e brahmine! — Cassi!?...
Quem póde crêl-o?

SEGUNDA MULHER

Os maus!

PRIMEIRA MULHER

Ai, pobre d'ella!

SEGUNDA MULHER

Que faz mal em viver, e em ser tão bella!

CÔRO DAS BAILADEIRAS

Amam as ondas sofregas
os areaes sequiosos;
e os astros luminosos
do somnolento azul
espreitam da alta cupula
as pallidas nimfeias,
que os olham d'amor cheias,
no humillimo paúl.

O amor não vê distancias,
é immenso e é mudo;
ha luz? ardor? fragrancias?
mais nada!? e é tudo!

Co'a noite morna, languida e tremente,
descem desejos mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

(Os grupos vão-se retirando para o interior da casa, pela esquerda).

SCENA II

CASSI, SUNDOREM e RAMÁ

SUNDOREM

Adeus Cassi.

CASSI

Sundorem!
como andas linda e brilhante,
minha noiva pequenina!
que é do teu noivo?

SUNDOREM

Anda além.

CASSI

Que te diz elle?

SUNDOREM

A mim? nada.
Anda lá sempre distante.

CASSI

E tu?

SUNDOREM

Eu, sempre calada!
nem inda o conheço bem!
Ando cançada, cançada.
A festa é da gente grande
e eu sou pequena!

CASSI

Coitada!

(Ouve-se musica dentro, longe).

Sundorem, chama-te a musica.
A festa vai quasi finda,
que já não tarda a manhã.

SUNDOREM

E tu sempre triste e só!
tu! que és tão boa e tão linda!

CASSI

(Beijando-lhe as mãos)

Bem hajas!... Não tenhas dó,
minha pequenina irmã.

(Sundorem corre para o fundo; sahida falsa).

Como a tua sorte, ó flor,
já se parece co'a minha!
tu, és sombra de rainha,
eu, sou a sombra da dor!

Tu, finges de noiva, e eu sei
que amor a nupcia comporta;
eu amo e finjo de morta!
e tudo em nome da lei!

SUNDOREM

(Voltando do fundo)

Mal sabes tu quem eu vi
quando passava o cortejo.

CASSI

Quem foi?

SUNDOREM

Vê lá se adivinhas!

CASSI

Pois dize-me alguns signaes.

SUNDOREM

Uma vez deu-me elle um beijo...
e olhava bem para ti...
e tu para elle inda mais!...

CASSI

Não sei!

SUNDOREM

Sabes, mentirosa!
É maritimo... e christão...

CASSI

Não sei!

SUNDOREM

Faces côr de roza...
moço... valente... Inda não?
Chama-se... Não digo! e admiro
tão profunda ingratidão!
Um dia, juncto ao paul,
eu ía ser devorada...
tu gritaste, ouviu-se um tiro
e uma panthera esfaimada
caiu raivando no chão!
quem foi que a matou?

CASSI

Raul!

SUNDOREM

(Maliciosa)

Não sei! Beijou-me e partiu.

depois nunca mais o vi,
só hontem; olhava e olhava,
sorriu-se quando me viu.

CASSI

E tu?

SUNDOREM

Eu tambem sorri.
Mal sabes quanto eu gostava...
(Olhando em roda).
não nos escute ninguem;
de o vêr n'este instante aqui.

CASSI

Elle!... um christão, Sundorem!

SUNDOREM

Que cousa!=um christão!=podera!
o teu espanto tem graça!
um christão, que á voz afflicta
d'uma viuva... bonita,

mata uma enorme panthera
e salva uma pequenita!
Dize ao meu noivo que o faça!
Agora adeus, vou correndo,
tu vai dormir e sonhar.

(Batendo-lhe no hombro e com malicia).

Pequena sou, mas entendo
o teu constante scismar!

(Sái correndo).

SCENA III

CASSI, RAMÁ e a NEGRA

(*A negra sái mal que Ramá se levanta*)

CASSI

Festejada Cassi, do tempo que lá vai,
ninguem te viu nem disse: ó pobre solitaria,
vem presenciar a festa, atribulada pária!...

(Vendo seu pae adormecido).

Mas... além dorme... Oh! sim! vamos a vêr meu pae!

(*Caminha para elle e acorda-o*).

Pae! pae! o orvalho recresce
já goteja o palmeiral;

lá dentro a festa esmorece
e aqui o orvalho faz mal!

Bom pae, tu já não és forte,
bem vês, prostrou-te o calor,
e estás respirando morte
do calix de cada flor.

RAMÁ

(*Levantando-se toma um candieiro de prata, examina Cassi e diz pousando-o*):

Cassi, vejo com tristeza
que não definhas, querida;
não sabes que a tua vida
deve ser curta? A belleza
que eu te via esmorecida
volta de novo, Cassi!
viuva ha seis annos! pensa
na lei dos nossos maiores
porque has de á vida assim presa
ficar tanto tempo aqui?

CASSI

(*Com um riso amargo e beijando-lhe as mãos*):

É justo, pae! tens razão!

Morrer! casam-se ao teu rogo
minhas esp'ranças formosas;
oh! descança, eu sinto a morte
que ha seis annos busco em vão;
se nos meus olhos ha fogo,
se nos meus labios ha rozas
e n'essas rozas perfume,
é da extrema febre o lume
acceso em meu coração.

RAMÁ

A noite d'além dormiste?

CASSI

Dormi.

RAMÁ

E acaso dormida
costumas fallar, sonhando?

CASSI

Nem sempre; de quando em quando...

RAMÁ

Pois fallaste, e commovida!

CASSI

Talvez... talvez, pae, e... ouviste?

RAMÁ

E até julguei, que loucura!
distinguir...

CASSI
(*Á parte*)

Oh! desventura!

RAMÁ

A voz d'um homem! tremi!

CASSI

(*Sorrindo*)
Pobre pae! tiveste medo?

era um *jogue*, um feiticeiro,
que adivinhava o segredo
do meu dia derradeiro.

RAMÁ

Que Deus t'o pague, Cassi!
e que te disse o agoureiro?

CASSI

Que hei de morrer como as aves
batendo as azas, cantando;
que hei de cahir como as flores
que morrem da brisa aos beijos,
e os seus aromas suaves
sobem voando, voando,
inda respirando amores,
inda accendendo desejos.

RAMÁ

(Depois de a examinar por alguns momentos, silencioso)

Do meu coração no espelho
só morta serás formosa.

Definha-te, desditosa!
pena, chora, o lucto arrasta!
Cassi, és brahmine e eu velho,
és viuva... e eu já cançado
quero morrer sempre honrado
e orgulho da minha casta.

(*Sái pela esquerda*).

SCENA IV

CASSI, só

(*Vai assentar-se triste nos coxins onde estivera seu pae*)

CÔRO DE BAILADEIRAS, *dentro*

Amor é como o raio,
fere, apagou-se,
depois fica o desmaio,
que é doce, doce!

CASSI

(*Recitando como quem recorda*)

— O amor não vê distancias,
é immenso e é mudo;
ha luz? ardor? fragrancias?
mais nada!? e é tudo!

Co'a noite morna, languida e tremente,
descem desejos mil!
Sonha em banho d'aromas doce e quente
e não sintas amor, corpo gentil!

(*Fica meditando*).

Tenho vinte annos só e ouvi estes cantares!
eu! condemnada á fome, ao pranto, á solidão,
ao desamor cruel, aos frigidos olhares
que inspira esta mortalha! oh! pae!...oh! coração!...

Disseram do meu Deus os sacrosanctos labios:
«Na pira marital morrei, paixões fataes!»
Mas veio a lei da Europa, o monge, e os frios sabios
dizer d'espada em punho á minha lei: — «Não mais!

não algemeis á morte um'alma que se expande!
o Deus que lhe deu vida ha de marcar-lhe o fim!»
Hypocrito favor! Meu Deus, só tu és grande!
venceu a tua lei, que eu sinto o fogo em mim!

. . . .

Morrer!.. e és tu, meu pae, que á morte me condemnas?!..
Flores, não vos vêr mais! não mais vêr este ceo!...
Palmar, ao menos tu sabes as minhas penas!
chora, que ninguem chora a pobre que morreu!...

Um dia em Calcutá, era eu bem nova ainda,
do Ganges n'uma selva um tigre me investiu;
e ao vêr-me tão mimosa e desbotada e linda
teve piedade, a fera! o olhar baixou, partiu.

Depois, quando em Dehli, a flor do sol indiano,
entrei, dizia a turba: «Ó perla de Manar
onde vais tu?»—Com o sol buscar o grande occeano!—
«Vai, vai gloria d'Onor, rosa do Malabar!»

Tinham-me então amor homens e feras bravas,
hoje devo morrer!... Meu sonho incantador!...
É culpa minha, oh! Deus! que no paiz das lavas
o sol me queime o sangue e me dê febre e amor?!...

Amar ou morrer!... que abysmo
abre a insondavel garganta!
chego, e a minh'alma se espanta
do horror que lá dentro vai!
páro vacillante e scismo
ante o pavoroso enigma,
e entre a morte e o eterno stygma
todo o meu ser se retrai!

Amor!... encanto divino!...
Morte!... lei... dever... pureza!...
e entre a lei e a natureza
o inferno aberto, Senhor!...
Morro amando, é meu destino,
pois que é decreto da sorte
amar nas ancias da morte,
morrer nas chammas do amor.

(Vai abrir a pequena porta do cerrado, desce todas as cortinas do fundo, toma o candieiro, vai agital-o á janella da direita e pousa-o sobre a mesma janella).

Pequena luz, abre as trevas,
rasga as cerradas florestas,
facho das ultimas festas
dos meus amores fataes;

leva os meus ais onde levas
os doces clarões da esp'rança,
ultima luz de bonança,
da vida nos temporaes.

Chama-o, que venha depressa
sorrir-me na ultima hora,
com seu rosto côr da aurora,
com seus labios de coral;
quero abraçar-lhe a cabeça
e beijal-o com ternura,
já que me deu tal ventura...
já que me fez tanto mal!

(*Sorrindo extasiada e com muito sentimento*).

Ai! como é bom amar!... e elle é formoso e candido!...
o seu cabello imita a flor dos vonvoleiros
que inda esfolhada e murcha o aroma não perdeu!
E é como as garças alvo, e meigo como um cantico
do terno muruoni, nos sons tão feiticeiros!...
Nos olhos d'elle ha tudo, ha mar, e terra, e ceos!...

Oh! quem nascera lá, na patria d'elle
onde se póde amar!
Quem podera voar!... voar!... voar!

SCENA V

CASSI e RAUL

(*Raul apparece á porta do fundo e pára; Cassi, sem olhar, sente-o e estremece. Raul caminha lentamente e vai para lhe tomar a mão. Cassi retrae-se instantanea e violenta*).

CASSI

(*Apontando o Tolossi*)

Vês aquella arvore? é Deus!
vês o meu traje? é de lucto!
lá dentro é feliz meu pae!
tu... és um covarde astuto
que vens deshonrar os meus!
Sáe!!

(*Raul, subjugado, vai a sahir e pára ao fundo. Cassi vendo-o sahir vai assentar-se, esconde a cabeça nas mãos e chora. Alguns instantes de silencio*).

RAUL

Que mal te fiz? chamaste-me, querida,
vim, como o crente aos pés da divindade;
calcas-me, fico; apontas-me a saída
vou, como o escravo que não tem vontade.

Se choras, páro; se sorris, espero,
escuro enigma d'um capricho eterno!
para quem te ama como eu te amo e quero
não tens distancias entre o ceo e o inferno!

CASSI

(*Fazendo-lhe um gesto para que se aproxime,
e tomando-lhe a mão*)

Dize-me: no teu paiz
ha tempestades?

RAUL

E quantas!

CASSI

E o raio fulmina as plantas?

RAUL

E lasca a rocha mais dura
e esmaga o roble mais forte.

CASSI

E o tufão torce-lhe as ramas
e arranca-o pela raiz?

RAUL

Sim.

CASSI

E amas-me?

RAUL

Que loucura!

CASSI

Comprehendes a minha sorte
e eu a tua desventura!

Como has de ser infeliz!...
D'onde és, Raul?

RAUL

De Florença.

CASSI

Fica longe?

RAUL

No occidente.

CASSI

Terras da palavra ardente
e dos frios corações!...

RAUL

Cassi, quando a vez primeira
d'aqui, d'onde estás me viste
á porta do teu cerrado,
eu, absorto e namorado,

tu, desanimada e triste;
e quando, ao vêr-me, fugiste
como rôla espavorida,
senti que estranhas paixões
se levantavam com vida
no teu duro, esquivo seio;
era a orchidia parasita
viva, splendente, bonita,
florindo n'um tronco alheio.

Passaram noites e dias
e eu sempre em torno aos teus lares,
mas sempre os ermos palmares
e a casa sem um clarão.
«Espera! ella ouve os teus passos,
e da escuridão cerrada
espreita e sente-se amada,»
me dizia o coração.
Emfim uma noite, alli,

(*Aponta a janella*).

o que eu disse e o que disseste
era um concerto celeste!
De tudo o que disse e ouvi
recordo apenas, querida,

que te dei a minha vida
e que me disseste: — espera! —
Deus, se ha Deus, ouviu da esphera
os teus protestos, Cassi!

CASSI

Não crês em Deus?

RAUL

Quem não crê?

CASSI

Os homens do mar são duros!

RAUL

Em ceos e mares escuros
luz sempre a estrella da fé.

CASSI

E o teu Deus é forte?... é rico?...

RAUL

É justo, immenso e clemente!

CASSI

E como se chama?

RAUL

Deus.

CASSI

E nas angustias, na dor
pedes...

RAUL

Nunca a Deus supplico;
se elle me vê faço injuria
ao seu infinito amor;
se me não vê, por distante,
de certo que não escuta

o clamor da minha luta,
por mais alto e mais plangente
que a minha voz se levante.

CASSI

Deus... só Deus!... grande e clemente!...
E elle ouvio da esphera immensa...

RAUL

Nossos protestos d'amor.

CASSI

E sabe que te chamei?

RAUL

Sabe, e que espero a sentença
de vida ou morte!

CASSI

Ó Senhor!
Deus! Deus clemente, não sei...

Eu sou viuva!.. e a pureza
da minha casta... Raul!
não amas como eu! não amas!

RAUL

Por que has de crer na frieza
dos corações do occidente?
tu ardes em vivas chammas
e nunca ninguem te amou.
Tens, sim, o amor deprimente,
amor brutal, que degrada
e subjuga e tirannisa!
tens?... tiveste! hoje acabou
toda a esp'rança para ti!
Esconde á sofrega brisa
os teus cabellos, Cassi!
Confrange-te, alma sublime,
nas dobras d'essa mortalha!
consumme-se o negro crime
da morte forçada e lenta,
mas ninguem sinta a batalha,
nem veja a arena sangrenta.

(*Ouve-se dentro musica e Cassi faz gesto de silencio*).

CÔRO DAS BAILADEIRAS

A noiva é como a aurora
que o orvalho molha;
flor que um desejo cora
e amor desfolha.

CASSI

A noiva é minha irmã; o amor divino e sancto
é esse! á tua voz responde aquelle canto.
Amor que não se esconde e todos podem vêr!
amor que se abençoa!... O amor que Deus não quer
é este que me dás e que te eu dou!... É triste
amar co'inferno aqui, e sempre amar!

RAUL

Mentiste!
Perdoa! eu sou do mar! sou rude mas leal;
o amor que alli se canta é sempre o amor brutal!
Seis annos têm amor? a noiva tem seis annos!
da noiva brota a esposa e n'ella os desenganos!
A esposa é sempre escrava, o esposo é sempre rei!

o abysmo entre esses dois! — Diz isto a tua lei?
Póde haver calmaria... e póde haver procella;
a nupcia prende, sim, mas só o amor nivella.
A tua irmã vendeu por gemmas do Pegú
a mocidade, a vida, a liberdade!... E tu?
amaste quando noiva? amaste quando esposa?
acarinhou-te um beijo os labios teus de rosa?
lembra-te uma palavra? um riso? um gesto só,
d'internecido amor? de carinhoso dó?
nem isso! e porque a sorte os laços teus quebrara,
has de seguir na morte a alma sombria e avara!...

CASSI

(*Imperiosa*)

Cala-te!

RAUL

(*Depois de a olhar por muito tempo, decidido*)

Adeus Cassi!

CASSI

(*Anciosa*)

Partir! partir sem mim?!...

RAUL

(Sorrindo com muita tristeza)

Tu és de bronze e eu louco... O mar espera... e emfim...
a *Aurora*..., o meu navio, a olhar para as estrellas...
vou-me fazer ao mar e abrir todas as vellas.
Tenho-lhe dito: «Espera! hoje... amanhã talvez!...
Adorna-me essa tolda e aceia o teu convez,
que eu roubo a minha noiva ao seu atroz tormento!
é condemnada á morte! á morte a fogo lento!»
. . . .
Agora... chego a bordo e dizem-lhe os meus ais...
«Galera! mar-em-fóra! e para nunca mais!»

CASSI

(Abraçando-o muito e arrastando-o para a frente da scena com a maior vehemencia)

Cruel! deixares-me aqui,
sepulta n'este martirio!
não te diz o meu delirio
que morro d'amor por ti?

Dos tigres d'essas collinas
tenho a febre, o amor, o anceio!
Se foges, rasgo-te o seio
co'as minhas mãos pequeninas!

Dar-me em troca d'este amor,
que me inspiraste, serpente!
um frio «adeus» inclemente!...
Pensaste bem n'este horror?

Vais se eu for! se fico, é certo
que ficas juncto commigo!
mortos, no mesmo jazigo!
vivos, no mesmo deserto.

Não sabias, infeliz,
que tudo aqui tem veneno?
o sol, o orvalho sereno,
homens, paixões e reptis?!

Podes? a isempção recobra,
meu amante idolatrado!...
Raul! ficaste enleado
nas espiraes d'esta cobra!

Leva-me pois mundo além!
a tua patria é Florença?
tenho uma vontade immensa
de vêr o teu berço!

RAUL

Vem!

Foge das tristes clausuras
Eva das negras florestas!
a minha terra tem festas
e a tua tem sepulturas!

O ceo da Italia tem sóes
e os seus jardins primaveras;
as tuas selvas têm feras
e as minhas têm rouxinoes.

Pousar na relva do prado
póde o teu corpo tão bello,
que lá não silva a capello
nem ruge o tigre esfaimado.

Não queres a terra? o mar!
o grande seio arquejante,
que ha de tremer delirante
aos raios do teu olhar.

Vem vêr o espelho siderio
de sobre a minha galera!
chegamos na primavera
ás terras d'outro hemispherio.

Deixa vir os temporaes!
deixa engrandecer o abysmo!
é quando eu medito e scismo
no immenso clamor sem ais!

quando metto a proa ás ondas
e a minha brilhante *Aurora*
faz vinte milhas por hora
co'as vellas todas redondas!

quando provoco o escarceu,
que estruge escumante e cego!
e desço aos seios do pégo,
e passo as nuvens do ceo!

Tu sempre, sempre a meu lado,
como Sant'elmo d'esp'rança,
verás sorrir a bonança
no ceo azul e estrellado;

e outra vez, submisso o mar,
dar á galera offegante
cauda de lumes brilhante,
e em vez de rugir, cantar!

As auras, como em resposta,
tributo aos nossos amores,
nos trarão, d'aves e flores,
cantos e aromas da costa.

Verás como o nosso amor
nos leva do ceo ás portas!
duas creanças absortas,
loucas de tanto esplendor!

CASSI

(Abraçando-o muito, persuasiva e terna)

Falla mais, querido esposo!
quando a tua voz se expande
eu sinto a minh'alma grande
e o meu coração radioso!

Como a tua voz seduz!
Eu vi o horror das procellas!
depois, o iris sobre as vellas!
depois, a bonança e a luz!

Tudo um sonho deslumbrante!
Ceo e mar!—a immensidade!—
o teu seio! a liberdade!
e tu destemido e amante!

E eu desprendida a voar
por mares e ceos tão vagos!
Na terra, jardins e lagos
e a humanidade a cantar!

Mas nas paisagens divinas,
em miragens feiticeiras
eu via sempre palmeiras
e champós e bengalinas!

Leva-me já por quem és!
finde aqui o meu tormento!
uma hora mais, um momento,
e morro doida a teus pés.

(Olhando para si)

Espera! é finda a batalha;
pois que me aguarda a ventura,
quero n'esta sepultura
deixar a minha mortalha!

(Entra correndo para os seus aposentos, á direita Raul vai como que para detêl-a, pára á porta e fica pensativo)

SCENA VI

RAUL, *só*

Que nuvem negra surge do oriente?!...
comtudo o ceo é liso e o mar é chão!...
sim, mas no mar das Indias, de repente
se ennovella um tufão!
cerca o navio, abraça-o, redopia,
ergue, ergue ao ceo as torvas espiraes,
cáe dentro o mar e o vento que esfuzia
mette-o no fundo e não surdiu jámais!...

CÔRO DE BAILADEIRAS

(dentro)

Regía um rei magnanimo
os povos de Madrasta;
na guerra da impia casta
cahiu a batalhar;
na grande pyra fulgida,
amantes e formosas,
as suas cem esposas
morreram a cantar.

RAUL

Honrae a hecatombe lugubre
de cem viuvas formosas!
sobre as lenhas olorosas
espargi oleos a flux!...
Sinistra canção de nupcias!
epithalamio do inferno!...
Noite!... noite!... escuro eterno
em ti! ó berço da luz!...

CÔRO DAS BAILADEIRAS

(*Continuando*)

Tal da grandeza a sorte
fulge, apagou-se!
o amor até na morte
é doce! doce!

RAUL

Terra de selvas inhospitas,
de tristes servos madrasta!

eu sou filho da *impia casta*,
dos que em tuas leis são reus.
Venho luctar contra seculos
d'um preconceito sagrado;
estou só, mas a meu lado
tenho a verdade que é Deus.

CÔRO DE BAILADEIRAS

(*Continuando*)

Cresce! faz'-te mulher, noiva innocente,
fórma desejos mil!
sonha em banho d'aromas doce e quente
e has de tremer d'amor, corpo gentil!

RAUL

(*Para dentro*)

Convido-vos tambem á festa esponsalicia,
perante melhor Deus, melhor amor e altar;
dou-vos mais amplo ar, mais luzes, mais delicia
na grande sala azul feita de ceo e mar.

SCENA VII

RAUL e CASSI

(Cassi vem ricamente vestida de sêda de chapur com barras d'oiro; choli de setim encarnado tambem bordado d'oiro; a cabeça, o peito, os braços, as orelhas e até os tornozellos vem cobertos d'oiro e pedras preciosas; nos braços pulseiras de vidro de diversas côres intercalam as pulseiras d'oiro. Apenas entra pára e fica immovel)

RAUL

(*Recuando)*

Fulgente apparição, que, deslumbrado,
vejo ante mim!... És tu, querida esposa?...
Falla!... caminha!... ri, visão formosa!...
por Deus t'o peço!...

CASSI

(*Quasi louca*)

Ó noivo idolatrado!

Achas-me bella? e queimam-me
as joias flammejantes!
e n'estas côres vividas
ha sangue! vês, Raul?!
Fogo!... Ai! faz-me tremula
a luz d'estes diamantes!...
A tua *Aurora* espera-nos,
e o mar, e o ceo azul!

Leva-me... Vou! matavam-me
os frios assassinos!
Tu és valente e eu timida,
mas forte ao pé de ti.
Vou! Amanhã sou reproba!...

(*Ouve-se musica dentro*)

Calae da festa os hymnos,
que heis de pagar com lagrimas
o lucto em que eu vivi!

(*Ouve-se rir*)

Ride, opulentos miseros,
que não sabeis que existe,

sob este tecto esplendido,
uma alma sem fulgor!
Louvae o amor em canticos
e nem sonheis que a triste
escuta, vê, contorce-se
d'inveja e de furor!

(*Toma Raul pela mão, vai a sahir, pára e volta com elle para a frente do palco. A negra nubiana apparece ao fundo, e vendo-os sem que elles a vejam, torna a sahir, tendo mostrado no gesto o seu espanto. Cassi recita enternecida*)

Raul, eu era candida!
rola innocente e imbelle
pedia em preces calidas
a morte e era feliz!
vi-te, e um desejo fervido
me arrasta, força, impelle
para o abysmo turbido!...
Raul, que mal te fiz?

Deixa-me! Oh! não, não! quero-te!
mas vê! celebra-se hoje
a nupcia, a prisão mistica
da minha Sundorem!

meu pae é velho e morre-lhe!
se a triste irmã lhe foge
que ha de ser d'ella?... ai misera!
sem mim! sem pae! sem mãe!

Seis annos só, e os jubilos
da sua festa, em lucto!
fujo e transformo em tumulo
a casa de meus paes!
entra a vergonha, o escandalo
no lar sempre impoluto!
foge o cortejo e a musica!
tudo se abisma em ais!

SCENA VIII

(*Abrem-se as cortinas do fundo e apparecem todos e á frente d'elles Ramá. Raul e Cassi ficam petrificados e permanecem com as mãos enlaçadas; ao fundo todos estão espantados, só Sundorem chora*)

RAMÁ

Que mal te fiz ó Deus! fulmina o velho exangue!
mata-me! escuta ainda a voz que por ti clama!

acode-me, Senhor! é o meu proprio sangue
que a minha casta inlucta e a minha honra infama!

Fujamos d'esta casa onde já Deus não mora
e caiam pedra a pedra os profanados lares!
Mal hajas tu! mal haja a negra, a fatal hora
em que o estrangeiro entrou nos indicos palmares!

TODOS

(*Menos Cassi, Raul e Sundorem*)

No opprobrio te arrasta,
infame e proscripta,
viuva sem casta,
maldita! maldita!

(*Todos desapparecem, apagam-se fóra as luzes.*
Raul e Cassi tem ajoelhado)

SCENA IX

RAUL e CASSI

CASSI

(*Em delirio correndo ao fundo*)

Pae!... pae!... Ema!... Sundorem?!...
Mogá!... Chaneim!... Pois que é isto?
O raio desce imprevisto
e linhas de sangue traça
pela atmosphera cinzenta,
e quando o trovão rebenta
já não encontra ninguem!
Tudo passa! tudo passa!
que tudo foge á desgraça
e eu quero fugir tambem.

Que silencio e que negrura!...
Morro! — Mais luz! mais ar!...
Maldita!... condemnada!... infame! impura!...
(*Rindo*)

Ai! a loucura, a loucura
e o noivado no alto mar!

RAUL

(*Á parte*)

Que é isto? sinto o abysmo
tremer sob os meus pés!
Vertigem! paroxismo!
se me ouves, se me vês,
acorda-me, se sonho,
ou mata-me...

CASSI

(*Com vivacidade e como quem toma uma deliberação*)

Talvez!
Hei de achal-os! eu conheço
este caminho escabroso!

(*Caminha em volta do claustro*)

Entremos no bosque umbroso...
Quanto cajueiro espesso!

(*Abaixando-se e julgando afastar os ramos com as mãos*)

Ó tamarindo mimoso,

(*Abraçando uma das columnas*)

viste-os passar por aqui?...
Pae! pae!... Que silencio! eu morro!
morro de medo! soccorro!

(*Correndo muito*)

Sou eu, Sundorem!

RAUL

Cassi!

CASSI

(*Escondendo-se*)

Elle?... ou a voz que levo n'alma?!
Eccos, silencio! piedade!

(*Muito supplicante*)

deixae-me passar em calma;
ando fugida! proscripta!
e tenho tanta saudade...

Ávante! ávante alma afflicta!

(*Caminha sempre*)

RAUL

(*Chorando*)

Cassi! Cassi!

CASSI

(*Esquiva e medrosa*)

Não sou eu!

RAUL

Escuta um momento ainda!
Por tua irmã...

CASSI

Que é tão linda!

RAUL

Por tua mãe...

CASSI

Já morreu!

(Parando e observando)

Eis-me n'um monte escalvado...
que rochas negras ali
e que abysmo alcantilado!

(Momentos de silencio, andando de novo)

Aqui de novo o arvoredo,
mas tudo sêcco!... esfolhado!
Ai, vêde o que é ser maldita!
eu já passei por aqui,

ó desflorido pragal!
cahiram da selva umbrosa
folha a folha rosa a rosa
ao meu contacto fatal!

(*Caminha mais. Começa a amanhecer*)

RAUL

(*Ajoelhando*)

Deus d'ella e meu! Deus grande e protector e augusto!
Deus que não vês familia estranha ao teu amor!
Deus pae dos bons, dos maus, Deus sempre justo!
Deus unico, onde estás, que me não vês, Senhor?!

Pela primeira vez a ti as mãos levanto!
pela primeira vez se prostra a supplicar
quem viu morrer seus paes sem derramar um pranto,
quem nunca se ajoelhou nos temporaes do mar!

CASSI

(*Parando á frente da scena*)

Cancei, não posso mais!
Passei agora uma torrente enorme,
Chamei, chamei!... Como o deserto dorme!

Nem aves nem serpentes,
nem tigres nem chacais!
nem feras ha n'esta soidão sem fim!
se as ha, fogem de mim!

. . . .

Que immensa multidão
brama, ondeia, remoinha e se comprime!
E quanta não corôa os horisontes
e desce pelos montes
em lucidas torrentes,
como chusma de lubricas serpentes!...
Vinde, feras! mordei o coração
d'uma pobre mulher que não tem crime!

RAUL

Justos ceos! nem uma esp'rança!
Que importa que eu chore ou rogue?...
E ha de morrer sem vingança
a mulher que eu tanto amei!...
E nem um peito onde afogue
as furias que me consomem!...
A mim, villões, que sou homem!
a mim, que vos deshonrei!
a mim, refalsados seres,

que vos cobri de baldões!
assassinos de mulheres!
covardes! párias! villões!

CASSI

(Que o tem escutado pasmada tomando-lhe a mão)

Oh! cala a voz blasphema! o leito é perto,

(Mostrando-lhe o clarão da manhã cada vez mais vivo)

lá dormiremos em noivado eterno.
Aïs e dôres, o ceo... n'aquelle inferno
cinza por fim... e o vento do deserto!

(Mostrando-lhe sempre o clarão)

O fogo que atiei nas sêccas ramas
involve e abraza já toda a floresta;
fiz lenha immensa para a immensa festa!
Aguarda um pouco, ó thalamo de chammas!

(Julgando despedir-se das suas companheiras)

Adeus minhas queridas companheiras,
a voz da morte aos meus ouvidos sôa,
e eu vou, que sempre fui submissa e boa.
Guardae-me estas lembranças derradeiras.

(*Tirando as joias e fazendo menção de as entregar ás pessoas que julga vêr. Recita sorrindo, lentamente e com muita tristeza. As joias vão cahindo no chão*)

São para ti, Chaneim,
estas joias; adorna os teus cabellos,
os meus tambem diziam que eram bellos!...
Dizia-o minha mãe!...

Mogá, toma estas perolas,
põe-nas ao colo! assim!
Olha as tristes, Mogá, parecem lagrimas!...
Serão! serão por mim!

Estes brilhantes agora
são para ti, Sundorem;
lucido orvalho da aurora
na branda flor da manhã.

(*Ajoelhando*)

Deixa que eu te abrace e beije,
creança de quem fui mãe!
Eu morro e quem te proteje,
minha pequenina irmã?!...

(Muito triste e supplicante)

Dize a meu pae que a maldita
chegou pura ao triste fim!
e se elle não acredita...
chora e não falles em mim.

(Vai a erguer-se e ouve-se fóra, em clamor de muitas vozes)

No opprobrio te arrasta,
infame e proscripta,
viuva sem casta,
maldita! maldita!

(Cassi cáe, dando um grito, nos braços de Raul)

RAUL

Senhor do ceo!

CASSI

Escuta-me!
no mundo todo o altar
é throno ou é patibulo;

(*Apontando o ceo*)

ali, póde-se amar.

(*Expira*)

RAUL

Cassi! Cassi! tem piedade
do remorso, da saudade
que me envenena e consome!

(*Um raio de sol vem bater no rosto de Cassi, e Raul vendo-a morta diz olhando-o)*

Sol, que a vês do ceo profundo,
dize a Deus que em todo o mundo
se mata gente em seu nome!

NOTAS

NOTAS

A *Indiana* foi escripta para desempenho d'uma promessa e para desafogo d'um desejo. A promessa fizera-a na minha chegada da India á insigne actriz Emilia Adelaide, a quem eu já devia a formosa recitação da *Judia,* e que representou a *Indiana,* o singelo entre-acto escripto á pressa, na noite do seu beneficio. Coube-lhe a parte da protagonista e a José Carlos dos Santos a de Raul; as duas principaes. Sobre o modo por que se desempenharam disse-o a imprensa e disseram-no as plateias; a mim só me resta agradecer o bom grado com que me receberam o minguado trabalho, e o esmero com que o apresentaram á mais illustre plateia do reino.

O drama em verso, diga-se desassombradamente, ainda não está aclimatado nos nossos theatros. Prima o theatro francez na recitação dos alexandrinos, como o hespanhol na de todas as metrificações, especialmente na dos septi-sillabos, que dos seus dramas principaes são poucos escriptos em prosa; nós, em Portugal, só como ensaio temos produzido peças de theatro em verso.

Este — *nós* — foi uma pretenção de que peço desculpa aos meus leitores. Eu por mim pouco tenho produzido; para o theatro apenas dois ensaios timidos e malmedrados, e em verso apenas a *Indiana;* mas sendo a patria uma familia digo — *nós* — quando fallo das glorias litterarias do meu paiz, como dizemos — *nossos avós* — de quem nunca nos foi nada nem da agua nem do sal. Ha tambem creados que chamam — *nossos* — aos bens de seus amos, e dizem que são os melhores. É prova d'amor e d'interesse; como tal me aceitem aquelle plural, que eu nunca fui dramaturgo.

Nos nossos theatros sei de meia duzia de comedias modernas originaes dos nossos poetas, se é que são meia duzia. Não entram aqui, já se vê, as traducções primorosas do Snr. visconde de Castilho, que estão, por ventura, destinadas a modificar a declamação dos nossos actores e a implantar, de vez, o verso nos nossos theatros. Não logrei assistir ás representações do *Medico á força*, cujo applauso foi unisono e prolongado; vi porém ha pouco, o *Tartufo* no theatro de D. Maria II e devo confessar que nunca assisti a desempenho mais harmonico nem mais completo em theatro portuguez.

Novo triumpho alcançaram agora os versos inimitaveis do Snr. visconde de Castilho na traducção do *Avarento* de Molière e o genio de Molière na formosissima lingua portugueza. Aqui m'o vem dizer os écos de Lisboa que repercutem os applausos do theatro da Trindade.

Está pois aclimatada a comedia, pequena ou grande, em verso, no theatro portuguez; o actor já se acha á vontade entre o accento e a rima; o publico vai pressuroso deliciar-se com a nova fórma e manifestar a sua approvação jubilosa. Con-

signemos a conquista e offereçamo'-nos emboras, que era vergonha não se recitarem versos em tão sonora lingua, nos palcos d'um povo em que a poesia brota espontanea, como nos campos as flores.

Resta o drama e a tragedia.

Ha ensaios da tragedia em verso; trabalhos de Garrett, de Mendes Leal, já originaes já imitação, e a nossa grande actriz, não dizemos de mais chamando-lhe — grande —, tem fórmas para o coturno e voz para a linguagem dos deuses.

Dizia-se que o verso no theatro era uma velharia, que a fidalga tragedia terminara n'aquella *Fabia* folgasã do nosso Francisco Palha e que fôra amortalhada no lenço marotinho de Catimbale. Pois resuscitam os versos e as tragedias, como das excavações do *Forum* e dos thermas dos imperadores resurgem as prodigiosas estatuas que enriquecem as galerias de Roma, de Napoles, de Florença, de toda a Italia e talvez do mundo, para gloria da arte, estudo e admiração do artista.

O sol tambem conta eclipses.

Falta o drama em verso; é preciso crial-o e representa-o.

Porque ha de elle ser excluido do theatro portuguez? não percorre o drama toda a escala de sentimentos? o amor, a ternura, a abnegação, a coragem, o odio, a vingança, a misericordia, a paciencia, a alegria, a amargura, a saudade, a esperança, o desejo, a ambição? Não é verdade que o drama discute, castiga, louva, applaude, pede, ri, chora, fulmina, blasphema e aconselha? Não tem idyllios, paisagens, recordações, apotheoses, delirios, hymnos, apostrophes, e viuvez, e orphandade, grandezas e miserias? Não cabe tudo isto em verso?

— Falta a naturalidade e com ella falta-nos a illusão — dizem os adversarios do verso.

Digam-no as creanças e os indoutos; mas vós, os que constituis a verdadeira opinião, não o podeis dizer de boa fé.

Vós não vos illudís no theatro por mais chã que seja a prosa que vos recitem.

O que ides saber é se a ficção vos agrada.

Deixae-me pois ter como certo que se vos recitarem, bem, versos excellentes e perfeitamente casados ao assumpto, como são os de Castilho nas traducções das comedias de Molière; como são os de Racine e Victor Hugo no theatro francez; como são os de Mendes Leal na *Judith;* como são os de Zorrilla e Garcia Gutierrez no theatro moderno hespanhol; como são emfim as obras primas dos grandes mestres, haveis d'applaudir o drama, como applaudis a tragedia e a comedia em verso.

Não o temos por ora; em verdade que não temos, pois é preciso que venha e confio de vós, poetas dramaturgos, que ha de vir.

Ahi tendes o desejo em cujo desafogo escrevi a *Indiana*. Era assumpto para um quadro e sahiu um esboço em miniatura, mas é a manifestação d'um voto e a revelação d'uma necessidade.

Não tive tempo para lhe dar as dimensões devidas e acanhei por ventura o meu pensamento; não lhe dei lances nem enredo, por falta d'espaço, que não d'assumpto. Receio foi tambem de expôr a um julgamento mais accentuado um genero de litteratura que tanto desejo vêr vingar em terreno tão apropriado, e para o qual me não julgo o mais apropriado apresentante.

Da critica, a que devo infinitas attenções que d'aqui agradeço, vim a conhecer que nas scenas fi-

naes faltava ao papel de Raul alguma intervenção directa, especialmente durante o delirio de Cassi. Reconhecendo a justiça do reparo ahi vai accrescentada a parte de Raul, fazendo-o intervir nos pontos em que me pareceu conveniente; e devo accrescentar que os versos do delirio de Cassi já foram cerceados na recitação do drama e talvez ainda, em parte, agora o devam ser; fica isso ao bom gosto da actriz e do ensaiador. A mim não me tinha parecido longo porque o escrevi para ser dito quasi todo com muita precipitação, qual a de quem julga procurar seu pae, que lhe foge, atravez de montes e valles; porém o theatro mostrou que era longo, como demasiado o silencio de Raul.

Com as alterações que lhe fiz, se não consegui melhorar o meu trabalho, mostro o desejo que tenho de condescender com a critica illustrada que me apontou o defeito, que reconheço e confesso.

Era um Jogue...

Todos sabem o que são os *Jogues* na India: solitarios que se impõe tremendas penitencias, taes como: ter uma das mãos fechada durante um anno; as unhas atravessam a mão e apparecem do outro lado: conservar um braço levantado perpendicularmente seis mezes sem interrupção; o braço fica hirto, levantado, e sem vida para todo o sempre. Deixam crescer as barbas e os cabellos e pintam o corpo a capricho. O povo tem-nos como oraculos e adora-os como sanctos. Vivem d'esmolas como os eremitas do christianismo, e quando veem ás povoações são objecto de muitas attenções e obsequios.

Do meu coração no espelho
só morta serás formosa.

Com quanto pareçam monstruosas estas palavras na boca d'um pae, são comtudo a expressão d'uma verdade. O orgulho da casta e o respeito á lei sobrepujam o affecto paternal. A dominação da Europa conseguiu que as viuvas não fossem queimadas, mas a lei ficou, e o fogo lento substituiu as chammas vivas. O supplicio concentrou-se na casa-ergastulo. A viuva sequestrada a todas as alegrias e a todas as esperanças não mais se adorna, corta ou pelo menos esconde o cabello, toma um fraquissimo alimento uma vez por dia, e passado pouco tempo a lei está cumprida, o sacrificio consummado.

Sei apenas de dois casamentos de viuvas em todo o Industão: foi um em 1870, em Bombaim; dois viuvos brahmines, arrostando com o preconceito, com a lei, com a sociedade inteira, apenas fortes na protecção da bandeira ingleza, no seu amor e na sua consciencia, casaram. Mezes depois suicidavam-se. Tal foi o peso da excommunhão em que incorreram, tal o horror da solidão em que ficaram.

O segundo foi ha poucos mezes, na India ingleza tambem; eram ambos viuvos, gentios e brahmines; já porém os paes d'um e d'outro e parentes proximos acompanharam os noivos. Enorme conquista da verdade, que ninguem póde dizer se vingará.

Não é culpa dos povos, é culpa das leis escravisadoras que fizeram uma educação de muitos seculos. Os orientaes crearam a mulher escrava e na escrava a inimiga; decretaram na morte d'ella

a garantia da propria vida. E' tremendamente logico.

«Vês aquella arvore? é Deus!»

Em toda a casa de gentio se encontra o *Tolossi*, arbusto sagrado, que recebe as maiores attenções e os maiores cuidados da familia. O oriental vê Deus em tudo, até na cobra de capello que lhe vive em casa, a quem offerece diariamente uma taça de leite e que uma vez por outra mata um membro de familia; mas como é Deus que o leva, bemdito seja Deus. O *Tolossi* é uma especie de Deus lar, como o é tambem o *Ganez*, figura de homem com tromba d'elephante. O Ganez tem oito dias de festa e d'illuminação em cada casa de gentio; finda a festa é levado em procissão entre luzes e cantares até ao caes mais proximo, e d'ahi, em *tona* engrinaldada e embandeirada, pelo mar dentro, até que o lançam ás ondas, para ser por ellas desfeito e não quebrado, que, se o fosse, grandes damnos viriam á casa onde foi Deus.

Se o Ganez foge do mar e volta á casa onde estivera, a pedir de novo hospedagem, é que não foram bastantes as honras que se lhe fizeram e festeja-se mais esplendida e estrondosamente por outros oito dias.

Os rapazes christãos desejosos de rir e folgar, vão todos os annos em tonas sem luz e protegidos pela noite espreitar o sitio da immersão d'algum Ganez, e ás vezes o Ganez apparece á porta antes da chegada da procissão.

O gentio é credulo e supersticioso.

«Seis annos têm amor? a noiva tem seis annos!»

A necessidade que tive de pôr a noiva em scena obrigou-me a exagerar a idade em que vulgarmente se desposam as mulheres no oriente, que quasi nunca excede os quatro annos. Os paes fazem estes casamentos e os esposos esperam juntos que a noiva attinja a puberdade, que chega regularmente aos dez annos. O marido porém, a quem é permittida a polygamia, póde mais tarde adquirir novos enlaces.

São dignos de vêr-se os casamentos ricos do oriente; ceremonias que os precedem, prestito que os acompanha e festas com que os abrilhantam; festas que duram por muitos dias e noites e a que são convidadas milhares de pessoas. Nada ha mais ostentoso nem mais brilhante, nem mais insurdecedor. Musicas, fogos, brincos, flores, joias, canticos, illuminações phantasticas por entre as selvas mysteriosas, tudo isto que, separadamente considerado, escandalisa por vezes os gostos regrados e policiados do europeu, é, no seu conjuncto e visto da distancia que separa as religiões, os costumes e os mundos, d'um effeito deslumbrante. O espirito demora-se a sonhar paraizos melancolicos ou infernos febricitantes.

A alma do oriental de sêcca é sequiosa. Não conhece o prazer ingenuo e meigo e descuidoso e cheio d'esperança; gosa dilacerando-se, vive na febre e descança no turpor.

Tambem elle não comprehende nem estima os nossos costumes e a nossa civilisação; acha-nos frivolos e loucos e impudentes. Consentimos que

as nossas mulheres dancem e apertem a mão da visita que a procura.

A unificação dos costumes ha de ser difficil; não é só questão d'educações, é questão de climas.

«*Guardae-me estas lembranças derradeiras.*»

A viuva, antes de subir para a fogueira em que havia de morrer, distribuia pelas suas amigas as joias com que se adornava.

Não raro, as pobres mulheres fanatisadas, morriam contentes e triumphantes, sendo-lhe o supplicio apotheose. Todas as religiões têm martyres convictos e todo o fanatismo leva á heroicidade. Não se tenha pois á conta de menos verdadeira a letra da canção das bailadeiras, em que se exalta a morte heroica das mulheres do rei de Madrasta:

«Na grande pira fulgida
amantes e formosas
as suas cem esposas
morreram a cantar.»

Nos cantos das *bailadeiras* da India, como nos cantos populares de todos os povos, ha tradições historicas e quadros de costumes, que accentuam devidamente e conservam o caracter das nações atravez das civilisações, dos cataclismos e dos seculos.

ERRATA

Pag. 10, onde se lê — Scena I — *(Todos)* deve accrescentar-se: — *excepto Raul.*

PREÇO — 300 reis

OBRAS DO MESMO AUCTOR:

D. JAYME, poema	600 reis
SONS QUE PASSAM, versos	1$000 »
A DELFINA DO MAL, poema	1$000 »